Cruzada das Mulheres Portuguezas

INSTITUTO DE ARROIOS

Dr. Tovar de Lemos

22 8 1935

Data 1956.12.14
Cota 22/5 - B - 4340
CDU 940.3 (469)
362.4 (42)

Terminada a Guerra

A obra de Reeducação dos Mutilados da Guerra.

Sua integração na vida social.

(Resultados obtidos. O que é preciso fazer)

1920

Comp. e imp. em A AMERICANA—R. da Horta Sêca, 62 a 70—Lisboa

Conferencia feita na Sociedade de Geografia,
no dia 18 de Dezembro de 1919,
pelo Dr. Tovar de Lemos,
Sub-delegado de Saude em Lisboa,
Director do Instituto de Arroios
para reeducação dos mutilados da Guerra
e
membro do Comité Permanente Inter-aliado
para estudo das questões
referentes aos Invalidos da Guerra, etc.

A Sociedade de Geografia, na afirmação constante da sua alta missão e com o conhecimento perfeito do seu valôr e da sua força, entendeu chegado o momento, de agitar e ventilar as questões que óra deverão ser consideradas como vitais, porque o periodo que se segue a esta guerra, é como a convalescença de uma grave perturbação, estado esse durante o qual a fisiologia mundial se alterou, e entre nós a doença atingiu-nos quando a nossa robustêz estava bastante comprometida pelas paixões politicas.

Ainda em conflito de vastas ideias demolidoras e parcas reconstrutoras, a nossa Terra-mãe sofreu abalo bem grave, e mistér se torna que todos que aqui nascemos, a rodeemos dos cuidados que bem merece, para que viva, para que resista, para a podermos depois integrar na vida atual.

A Sociedade de Geografia teve a gentilesa de me dirigir convite a cooperar na sua obra.

Honra tamanha é absolutamente injustificada.

Modesto obreiro, sem faculdades mais do que uma bôa vontade, postas sempre desinteressadamente ao serviço de toda a causa patriotica, o muito ou pouco que possa produzir está sempre ao dispôr de todos que alguma cousa o possam aproveitar.

Grave é pois o compromisso tomado, aceitando o convite que esta Sociedade me fez, mas fiel ao meu preceito de jamais regatear o meu insignificante prestimo, sempre que seja solicitado, aceitei, atenta a liberdade que me era dada da escolha do assunto.

Por isso, aqui estou, disposto a vir trazer-vos ligeiras impressões, e apresentar-vos ideias sugeridas pelos trabalhos a que a Guerra me levou, sem a pre-

tensão de vastos planos, ou apresentação de abundantes receitas de reconstituição do Paiz, mas tão sómente tratar n'um campo estricto, um assunto que se me afigura necessario cuidar, por se tratar de uma formula de melhorar a Assistencia e valorisar factores de trabalho que poderão concorrer para minorar o desiquilibrio economico e social.

Assim como o mesmo objeto visto de posições diversas pode apresentar aspectos diferentes, bem como a observação depende tanto do observador, o assunto que vou trazer ao conhecimento de V. Ex.ª **A Reeducação dos Mutilados,** implica a ideia de trabalho e a ideia de Assistencia.

Quero pois, para melhor ser compreendido nas afirmações que faço no decurso do que dissér, deixar definido o que penso de uma maneira geral sobre aqueles dois factores sociaes.

Para mim a vida reduz-se ao trabalho. É necessario que se trabalhe, que se trabalhe com satisfação, que o trabalho constitua deleite, que todos nos compenetremos que só pelo trabalho encontraremos a felicidade, o vigôr, emfim, a saude e a riqueza.

Para mim, a ideia do trabalho ficou gravada nas palavras do hino apoteose que todos encontramos nos nossos primeiros livros das escolas. «Trabalhai meus irmãos, que o trabalho dá saude, dá vigôr e dá riqueza».

E se o trabalho foi sempre necessario, hoje mais do que nunca, só o trabalho poderá pela intensificação da produção, em todos os ramos de actividade, melhorar a situação atual. E se isto sucede em toda a parte do mundo, entre nós mais grave é o problema, porque não é só não querer trabalhar, mas haver pouco quem possa e saiba trabalhar.

N'um paiz tão atrazado como o nosso, com um analfabetismo tão elevado, que pena não serem aproveitadas e bem orientadas as faculdades de trabalho e inteligencia que tem o Povo português!

Tirae o operario do nosso meio, levai-o lá fóra a trabalhar ao lado de operarios estrangeiros e todos sabeis a figura que sempre faz. Mas, operarios, que mereçam tal nome são bem poucos infelizmente.

Falta-lhes a aprendizagem, falta-lhe as condições até para a fazerem. O nosso operario é em geral um

empirico, imitador do que vê fazer, sem a cultura que deveria e necessita ter.

É uma das necessidades a efetivação dos cursos de artes e oficios, bastante espalhados, com caráter regional uns, com especialisações outros, todos eles essencialmente praticos mas em que a tecnologia das respetivas profissões seja professada de modo que o diploma de operario, seja uma garantia de valôr, de saber do seu oficio, e como tal um cidadão util á sociedade, um dos esteios sobre que ela assenta e por consequencia um factor que produz, em resumo um factor positivo.

De outro modo, em economia social, aquele que produz menos do que consome é um factor negativo.

Quando me refiro ao operario, quero dizer o trabalhador, quer ele seja do campo, do mar, da oficina.

A pretensa diminuição de trabalho é nociva ao homem. É uma afirmação de natureza fisiologica, psicologica, economica, moral e social.

Incontestavelmente é necessario cuidar entre nós das condições fisiologicas do trabalho, a sua higiene, a sua organisação metódica e scientifica; é preciso introduzir os preceitos do tailorismo na parte adaptavel entre nós, mas é essencialmente necessario e antes de tudo que se trabalhe bastante, pois de contrario, da ociosidade excessiva virá o vicio, o alcoolismo, as paixões politicas, os odios, o jogo, a sifilis, a tuberculose, os lares desfeitos, e diretamente ou da repercussão mutua de todos estes desastres a miseria é fatal.

Eis meus Senhores o que penso do trabalho, e seja-nos permitido afirmar que me julgo com autoridade para assim falar, porque já vinte anos lhe tenho consagrado; pelo trabalho exclusivo tenho vivido, pelo trabalho me tenho erguido e pelo trabalho aqui estou, honrado pelo convite desta ilustre Sociedade e pela presença de todos V. Ex.as.

Assistencia é uma forma de solidariedade que deve existir de facto. Todo aquele que precisa tem direito a ela. Mas entendo tambem que para ter direito a ela é preciso merece-la.

A riqueza mundial, transmigra constantemente de mãos em mãos.

O homem que não pode trabalhar, incapacitado pela velhice ou doença, deve receber o que lhe falta para poder viver.

Claro, que este deficit, deve ser compensado pelo são, por aquele que pode ganhar a vida, com faculdades de produção que lhe permitam auxiliar os invalidos, concorrendo segundo as normas da moral, para beneficiar aqueles que estão, como ele poderá ámanhã tambem estar.

Trabalho e Assistencia são pois complementares.

A uma diminuição de trabalho corresponderá sempre uma forma de assistencia que deve garantir a existencia de todo aquele que nasceu.

Mas Assistencia, meus Senhores, preciso definir o que julgo que deve ser.

Não ha regras sobre os modos de assistencia, nem formas taxativas. Assistencia é provêr o necessitado daquilo que lhe falta.

Ha pois quasi para cada um, um modo de assistencia; ha a assistencia á doença, á invalidez, á simples velhice, ao celibatario, ao orfão, ás viuvas, á primeira infancia, á creança da edade escolar, á falta de trabalho, ao incendio, etc., etc.

Não é sobre a assistencia, sciencia complicadissima, que quero avançar um passo mais; quiz simplesmente ao falar em tal, arredar a possibilidade de neste momento alguem associar á ideia de assistencia, a esmola. É certo que muitas vezes é essa uma das formulas de a pôr em pratica, não devendo porém nunca, assumir esse aspéto.

A esmola não deve existir, a esmola degrada quem a recebe e deve vexar quem a dá.

Não sei quem mais deve envergonhar-se quando juntos, se o pobre digno que empobreceu por ser honrado, e que recebe hoje uma esmola; se o rico, que ninguem sabe como enriqueceu, e que a dá.

Se esses dois homens se puzessem frente a frente e podessem vêr-se por dentro, numa analise mutua de consciencia, qual se sentiria mais envergonhado?

O pobre em ser pobre, ou o rico em ser rico?

Mas a forma de Assistencia que eu quero trazer para aqui agora, é aquela por meio da qual se faculta ao que necessita os meios dignos de angariar o que lhe falta para complemento da sua existencia em condições possiveis.

É ainda no trabalho que nós vamos buscar a assistencia para muitos, é ainda aí que nós vamos buscar a possibilidade de os rehabilitar recorrendo para isso aos ensinamentos das sciencias modernas, a medicina pelas suas ideias sobre a fisiologia profissional, a psicologia experimental com os seus laboratorios, a pedagogia com os seus metodos, a protese e a ortopedia com os seus inventos modernos assentes sobre a mecanica, decomposição experimental dos movimentos, estudos de resistencia estatica e dinamica das peças anatomicas e a substituição dos orgãos por aparelhos artificiaes de trabalho.

Expostas as minhas ideias, sem querer transviar-me no decurso desta palestra do assunto principal, seja-me permitido dizer que as expuz, para fazer bem compreender a V. Ex.as o que é a obra de Reeducação dos Mutilados.

As minhas ideias representam o adubo com que preparei o terreno, em que foi lançada a obra.

A obra da Reeducação dos nossos Mutilados de Guerra, é arvore que tem raizes, tem caule, tem folhas, tem flôres, tem frutos.

As raizes, são as origens: o tronco a obra em si; as folhas, as referencias, os elogios, as censuras possiveis, emfim orgãos que mascaram por vezes a feialdade dos troncos e dão á vista a impressão de beleza das arvores; as flôres, é o que se vê, os homens estropeados trabalhando, os amputados cultivando os campos, produzindo nas oficinas, etc.

Os frutos, são os resultados obtidos, as conclusões, os ensinamentos e dos quaes extrairemos a semente que irá beneficiar outros invalidos.

Devidirei pois a minha palestra em duas partes:

Na 1.ª tratarei de dizer o que foi essa obra.

Na 2.ª tratarei do que se poderá e deverá fazer entre nós sob o ponto de vista de assistencia aos mutilados e não já da guerra, mas a todos os outros, vitimas de desastres, acidentes de trabalho, etc., afim de a integrar na organisação social do tempo de paz.

1.ª PARTE

Reeducação dos Mutilados da Guerra

Esta obra é inteiramente nova em Portugal e foi creada pela Guerra.

A guerra entre nós, só fez prosperar o comercio.

Industrias para suprir o que antes da guerra precisavamos, não se crearam, nem desenvolveram, a exploração agricola não se intensificou, a guerra não tocou profundamente a alma nacional, tenho-o dito muita vez; foi lá muito longe, aqui só a sentiram aqueles que ficaram sem os entes queridos, de resto a vida fez-se sempre de igual modo, num alheiamento egoista, de desinteresse por aqueles que em Africa e em França se batiam pela causa aliada, em defeza dos ideaes da Democracia, Liberdade e Humanidade.

Mau periodo foi aquele que fez empanar o brilho e a significação do nosso gesto.

Bem o senti e bem o sentiram todos que poderam hombrear com os nossos aliados, no momento da nossa intervenção e... mais tarde já não sucedia o mesmo.

Com que orgulho nos sentiamos portuguezes junto desses camaradas das grandes nações! Que orgulho sentiamos ao vêr os nossos serranos de mistura com esses outros soldados fortes que como eles vinham pelas armas defender a causa comum, irmãos no perigo e na gloria.

Todo o esforço que se fez durante a guerra, quasi todo, se perde para voltarmos á fase antiga.

Dos processos de administração ou de organisação, nada ficou.

Nenhum ensinamento novo! Voltamos a antes da guerra! Como é triste!

Do que propriamente se pode chamar organisação de guerra, é evidentemente a obra da Reeducação dos Mutilados, aquela que ficará a atestar que em Portugal se acompanhou o progresso das nações aliadas, fazendo tanto quanto elas, em prol desses que na defeza da Patria se inutilisaram.

Vamos vêr o que foram as raizes desta obra.

A Reeducação dos Mutilados da Guerra foi a aplicação do que já se fazia nos paizes Scandinavios, na Belgica, na Alemanha e em Italia, para reeducação dos acidentados de trabalho.

Paizes essencialmente industriaes, tinham já os seus Institutos destinados a cuidar das vitimas do trabalho, por isso a aplicação ás vitimas da guerra, foi apenas uma intensificação de serviço.

A Alemanha antes da guerra já possuia Institutos, que começaram logo trabalhando com os primeiros estropiados e mutilados, tendo posto alguns milhares em condições de voltarem para o «front».

Em França, já em Lyon em 1914 estava funcionando a Escola Raquais por iniciativa de Herriot, o maire que com tanta dedicação cuidou de reunir os primeiros estropiados.

Em Paris, Bourrillon, e em Bordeus, Gourdon, lançam-se afincadamente na obra dos mutilados, e no Instituto de S. Maurice que já existia antes da guerra, e na Escola Normal de Bordeus, que tambem já existia, constituiram nucleos fortes de reeducação, e que serviram de modelo aos tantos outros, mais modestos, que por toda a França se instalaram. Para citar os de maior valor aponto as escolas e os centros de reeducação de Paris, Tours, Limoges, Montpellier, Tarn, Nevers, Saint-Etienne.

Os belgas crearam três fortes estabelecimentos de reeducação e tratamento de mutilados, no Havre (Saint Adresse), Rouen e Port Villez.

As creações belgas, especialmente a de Port Villez, foram modelares sob o ponto de reeducação e ali fomos colher grandes ensinamentos para a nossa obra.

Em Italia a assistencia aos mutilados foi enorme sendo notaveis os esforços e o conseguido pelo famoso Comité Lombardo que organisou toda a assis-

tencia no norte de Italia, Milão, Bologna, Veneza, Spezia, Lucca, Turim e os famosos hospitaes para mutilados em Roma, Firenza e Palermo, e outros, fundados pela Cruz Vermelha Italiana e pela Rainha Helena.

Foram notabilissimos os trabalhos que a cirurgia ortopedica da Escola Italiana, apresentou nas Conferencias Inter-aliadas, sobresaindo a de Bologna, onde o professor Vitor Putti, diretor do Instituto Ortopedico Rizzoli, realisa quanto ha de mais perfeito, e onde nós por isso fomos colher elementos, ensinamentos e material, para adoptar em Portugal.

Os inglezes e americanos, tiveram ensejo de exhibir a riqueza dos seus processos, fazendo sempre obras custosas para as quaes concorriam os ricos que desse modo contribuiram para a guerra.

Lá estava, trabalhando num Hospital que fundou em Inglaterra, o Snr. D. Manoel de Bragança, como oficial da Cruz Vermelha Ingleza.

Os servios confiaram a reeducação aos francezes. Portugal, mandando os seus soldados para a Guerra. ia ter os seus invalidos.

Creamos aqui em Lisboa o Instituto de Arroios.

Foi a Cruzada das Mulheres Portuguezas, que fundou o Instituto.

Era presidente da Comissão que o fundou a sr.ª D. Ester Norton de Matos, esposa do sr. Ministro da Guerra, Norton de Matos, e muito concorreu a sr.ª D. Ana de Castro Osorio.

Por consequencia, o Instituto é obra da mulher portugueza, é uma afirmação de que a mulher portugueza soube interessar-se pela sorte dos nossos soldados, que soube impôr o que concebeu, realisando o Instituto com o fim de reeducar os mutilados portuguezes da Guerra.

Fui eu, em 1916 o encarregado de organisar, e dirigir essa obra.

Vamos assistir ao desenvolver e crescer do tronco da arvore a que me referi.

Era por abril de 1916. Foi-me entregue o antigo palacio Linhares em Arroios, para ali se instalar o Instituto.

O governo era o da Guerra, a feição era propicia, a Cruzada tinha força e vontade e a obra seguia, seguia rapida.

O edificio foi deitado abaixo, quasi só aproveitadas paredes mestras; e empreitadas, operarios, materiaes não faltavam, dinheiro tambem não, porque a obra era meritoria e atrativa de momento, e tudo seguia. Em 1917, em dezembro, uma rajada tempestuosa abalou a nossa arvore, e começou caindo o graniso da desconfiança, o frio da indiferença, o vento secante das más vontades, a aridez do abandono. Mas, a arvore estava já forte, era sã, não havia ali o bicho que entre nós tudo ataca, tudo apodrece e que em tudo se mete, a Politica, não, ali só havia um ideal nobre, a Assistencia aos mutilados, e uma realidade de valôr, a honestidade de administração e de orientação, e por isso, a tempestade passou, os mutilados chegaram, a arvore medrou e floriu.

Labor probus omnia vincit.

A Casa Pia de Lisboa, ao chegarem os primeiros mutilados, de França, dada a circumstancia de o Instituto não estar ainda em condições de os acolher, por as obras terem sido suspensas durante o vendaval politico que passou, ofereceu-se para os receber no Instituto Medico Pedagogico de Santa Isabel, e ali, graças aos esforços do meu colega dr. Aurelio da Costa Ferreira, se instalaram os primeiros mutilados.

Ali se organisou depois um deposito, centro de seleção, onde eram escolhidos os mutilados que careciam de tratamentos apropriados, reeducação, aparelhagem, e os que já nada tinham a fazer.

Abriu por fim Arroios em junho de 1918, já então sob a alçada do Ministerio da Guerra, por um simples decreto subtraido á Cruzada que o creou.

Irei traçar resumidamente como tem sido feita a Reeducação dos Mutilados da Guerra.

O soldado chegado de França ia para Santa Izabel.

Nem uma indicação só trazia do que lhe havia sucedido ou do que lhe haviam feito nas ambulancias e hospitaes.

Mas para que falarmos em cousas tristes? Ali em Santa Izabel era observado e feita a preparação moral para receber a reeducação.

Foi necessaria aquela etape, muito principalmen-

te para os primeiros mutilados, que chegaram pareciam ensinados, espiritos cahidos para a vida, prontos á revolta contra a fatalidade. O seu futuro aparecia-lhes negro, o espectro da miseria, a mendicidade esperava-os, a exhibição das suas lesões nas estradas e nas feiras, talvez o fado, o triste fado nas romarias, a triste historia do mutilado cantada pelas aldeias acompanhada pela plangente viola.

Mas, tudo mudou, houve quem cuidasse d'eles, velasse pela sua situação, interesses e os dignificasse.

É conhecido de todos a campanha que nas colunas do jornal «A Capital» o meu colega, dr. José Pontes manteve por largos tempos.

E os mutilados começaram a sentirem-se acarinhados, protegidos e honrados.

Reconhecida a necessidade de serem operados ou revistas as suas lesões operatorias eram transferidos para Campolide e Hospital da Estrela onde o alto valôr cirurgico do sr. dr. João Paes de Vasconcelos e dr. Bizarro este ultimo hoje convidado para assistente n'uma Faculdade de medicina inglêsa, os punha em condições de voltarem ao trabalho ou receberem os aparelhos para tal fim.

Se careciam só de reeducação e tratamento apropriado vinham para o Instituto de Arroios.

Instalado em situação magnifica, a 85 metros de altitude, virado a sudoeste, o Instituto ocupa uma area de 15.000 metros quadrados, com grande cerca cultivada e numerosas dependencias, com relativo conforto, que lhes torna a sua permanencia muito agradavel.

A Reeducação do mutilado tem de ser voluntaria, pois não poderemos nunca conseguir a reeducação sem o auxilio do individuo. Não actuamos como com uma hostia de quinino que faz baixar a temperatura, quer o doente queira ou não, por isso tornou-se necessario atrair o mutilado ao Instituto. Proporcionou-se-lhes pois todas as vantagens e um regimen favoravel, estabelecendo-se até a conservação dos seus vencimentos de campanha, com todas as subvenções, pensões á familia, etc., salarios de aprendizagem, a fim exatamente de os conservar algum tempo em reeducação.

O mutilado chegado, nos primeiros dias tem a liberdade e sente que está n'uma casa de trabalho, convive com os seus camaradas, vê os mutilados restabelecendo-se, estimula-se e a breve trecho é observado na 1.ª Secção. — A 1.ª Secção do Instituto esteve a cargo do sr. dr. Costa Ferreira e hoje a cargo do seu discipulo dr. Vitor Fontes.

Ali se ocupam da orientação profissional, estudo antropometrico e psicometrico do mutilado, avaliação da sua capacidade de trabalho, tendencias, habitos, situação e aptidões.

É lhe prescrita a profissão conveniente.

Passa á 2.ª Secção, a de Reeducação funcional. É chefe deste serviço o meu colega dr. Formigal Luzes. A reeducação funcional é obtida pelos agentes fisicos — A Fisioterapia.

Dispõe para tal efeito de instalações apropriadas e unicas existentes no Paiz, para kinesiterapia, termoterapia, balneoterapia, fototerapia, cromoterapia e helioterapia, eletroterapia, eletrodiagnostico, roentgenterapia, mecanoterapia e a ginastica ou seja, a massagem, ar quente, a agua, a luz, a luz córada, o sol, a eletricidade, o Raio X, etc.

Logo que o doente amputado chega, é-lhe fornecido um aparelho de protese provisorio ou de trabalho e que lhe permite pôr de lado o aparelho provisorio hospitalar que lhes havia sido feito em Santa Izabel, pelo Sr. Dr. Pinto de Miranda, em cartão e gaze gessada, segundo o modelo do Dr. Swind, da Ambulancia dinamarqueza em Paris.

O aparelho provisorio põe o amputado logo em condições de largar as muletas, servindo-se a principio de uma bengala que a breve trecho larga.

Não quero, nem o momento é asado para fazer vêr as vantagens da libertação das muletas, bem como os inconvenientes do seu uso prolongado.

Já então aparelhado, entra na 3.ª Secção, a reeducação profissional, que está a meu cargo.

Esta compreende 3 sub-secções: a comercial, a industrial e a agricola.

A sub-secção comercial, para os que possuem já um pouco de habilitações, é constituida por um curso rudimentar de comercio, compreendendo o portuguez, arithmetica, escrituração e dactilografia, e habilita para auxiliar de guarda-livros.

A sub-secção industrial, é formada pela aula de Instrução Primaria que é obrigatoria para todos os analfabetos, e por oficinas que se limitam entre nós áquelas em que mais facilmente nas suas terras podem empregar-se ou instalar e cuja aprendizagem não é demasiado longa.

Assim temos a carpintaria, a serralharia, forja, sapataria, cesteiros, alfaiataria e latoaria.

A sub-secção agricola é aquela que maior frequencia tem, visto que a maior parte dos nossos soldados eram trabalhadores do campo e a reeducação deve fazer-se sempre de preferencia na antiga profissão, além da necessidade de evitar o afastamento dos braços, da terra que tanto e cada vez mais carecem deles.

Por assim dizer, na parte agricola não é uma reeducação o que se faz, mas sim uma readaptação do mutilado ou estropiado, á sua antiga profissão, com a lesão de que é portador.

Quando a sua mutilação está estacionaria, isto é que o processo de atrofia do côto findou, é então feita a aparelhagem definitiva, aparelhagem esta feita completamente nas oficinas do Instituto, para onde entra a madeira em troncos e o ferro e aço em barras, até ao ultimo retoque de vernissage.

É de facto qualquer cousa de notavel a creação desta industria entre nós, fazendo-se os aparelhos, individualmente e sugeitos á contrôle scientifica do laboratorio.

Ali o movimento de marcha é decomposto, num aparelho que permite fixar em graficos os movimentos de pressão, prepulsão e lateralidade externa e interna da perna sã e da aparelhada, podendo deste modo corrigir-se qualquer defeito que impeça o bom uso do aparelho ou verificar as suas condições fisiologicas.

Um serviço mais ha ali montado, intitulado o de Assistencia aos Mutilados.

Tem por missão tratar dos seus interesses moraes, economicos e sociaes, reclamações, colocações, pensões e reformas.

Aqui tendes Senhores, a ramificação do tronco de que vimos falando.

As nações aliadas teem-se reunido para o estudo das questões referentes aos mutilados de Guerra.

Desde a primeira Conferencia que teve logar em Paris, em Maio de 1917, temos sido 4 os delegados de Portugal que fazemos parte do Comité Permanente Inter-aliados, Drs. Aurelio da Costa Ferreira, José Pontes, Formigal Luzes e eu, e são constantes as nossas relações, tendo já havido duas Conferencias mais, uma em Londres e outra em Roma, e uma reunião do Comité em Lisboa, onde estiveram os delegados estrangeiros e que nos honraram com as apreciações mais lisongeiras ácêrca do nosso trabalho e que deixaram registadas, classificando-o de um dos mais *perfeitos e melhor organisado de entre os dos aliados.*

A vinda dos delegados aliados em numero de 20, a Lisboa, e que só agora em Junho ultimo poude ser realisada, além da consideração pelos nossos trabalhos foi um acto de politica internacional da maior valia, e a forma como foram recebidos e as impressões que levaram, dada a categoria das pessoas que se tratava, foi uma prova de apreço em que Portugal é tido pelas nações aliadas.

Nem o Paiz se apercebeu da grandeza do facto; pois estiveram entre nós individualidades taes como:

Professor Bourrillon—Diretor do Instituto Nacional de Saint-Maurice, o maior e mais antigo estabelecimento de Reeducação de França.

Lucien March—Diretor Geral da Estatistica de França.

Emile Vallon—Secretario Geral da Assistencia aos Mutilados de França.

Dr. Le Brun—Chefe do Serviço de Saude Belga.

Coronel-Medico Brereton—Delegado do Ministerio da Guerra Inglez.

Mrs. Sanger Squire—Delegado do Ministro das Pensões de Inglaterra.

O Professor Theodosius, o Dr. Percy Boyden—Chefe dos Serviços de Saude da Armada Ingleza.

Os Coroneis Mac Larren e Martin—Delegados do Exercito Canadiano.

Dr. Caramano—Medico Consultor tecnico, delegado do governo da Grecia.

Os professores Galleazzi e Nicoletto, de Milão e Roma.

O Professor Kabeshima e Nawa e Comandante Semba, delegados do Japão, etc.

As referencias que a imprensa tem feito á obra dos mutilados, as impressões deixadas registadas pelos visitantes, as honras recebidas, as deferencias das mais altas individualidades nacionaes e estrangeiras que já teem tido ensejo de vêr de perto a nossa obra, as felicitações recebidas, os informes pedidos, até do estrangeiro, tudo isso constitue o que chamarei as folhas da nossa arvore, arvore de que não se poderá dizer como de certas vinhas de muita parra e pouca uva, talvez pelo contrario, aqui as folhas sejam poucas, porque relativamente poucas teem sido as pessoas que teem visitado e apreciado a nossa obra, mas razão talvez tambem para que floração se fizesse bem, e os frutos amadureçam em tempo, sem que a lisonja nos viesse prejudicar.

Os elogios, as palmas, os louvores, são como certos medicamentos que em dóses pequenas excitam, e quando ultrapassadas essas dóses produzem o torpôr, a embriaguez da louvaminha constante, o delirio causado pelo incensar repetido, quasi permanente.

A nossa obra é talvez pouco conhecida entre nós, por isso aproveitei a ocasião para trazer junto de V. Ex.as estas palavras de que espero sereis porta-voz conscencioso se as julgardes dignas de tal.

Dois anos são já decorridos desde que o Instituto foi fundado.

Tempo suficiente para ter realisado já alguma cousa do fim a que se propôz.

O que se vê, considero as flôres da nossa arvore. Vou fazel-as passar no ecran deante dos olhos de V. Ex.as.

Antes, porém de finalizar a 1.ª parte do meu trabalho, quero dizer-vos o que penso dos fructos obtidos, isto é, os resultados colhidos.

Classifico-os de gerais, morais, scientificos, tecnicos, cirurgicos e proteticos.

Resultados Geraes

1.º—O Instituto funcionando, creado por iniciativa da Cruzada das Mulheres Portuguezas veiu afirmar que entre nós não é impossivel fazer-se qual-

quer trabalho quando a ele preside verdadeiro interesse e dedicação.

2.º—Que a mulher portugueza pode ser utilisada nos hospitaes militares, visto que o pessoal de enfermagem e servente é feminino, educado por nós, em curso que nós regemos e com programas que por nós foram elaborados, aprovados e adoptados pelo Ministerio da Guerra.

3.º—Que a obra da Reeducação dos Mutilados em Portugal, fez integrar o Paiz no convivio intimo das nações aliadas, por intermedio do Comité Permanente, perante o qual o nome português se ergueu á altura devida, pelo que a nossa obra, deve ser considerada como uma obra patriotica e de alto valôr, infelizmente pouco apreciado, por quem de direito deveria ter em atenção os progressos nacionaes, prestando um pouco de justiça a quem pela Patria faz alguma cousa mais do que só desacredita-la.

4.º—Que a obra dos mutilados, em Portugal, se fez, mercê do esforço persistente e bem intenso de poucas pessoas, que cheias de alma, coração, de fé e patriotismo, souberam pela cohesão levar a cabo o encargo tomado.

E para prova tendes os outros invalidos, os tuberculosos, os gazeados, os loucos, que até agora teem vivido abandonados sem a assistencia que lhes era devida, porque... não tiveram quem os amparasse, o que é para lastimar.

Resultados Moraes

Que a passagem dos mutilados pelo Instituto veiu mostrar-lhes a possibilidade de se valorisarem tornando-se uteis a si, á familia e á sociedade, o que se verifica e comprova pelo numero elevado de mutilados que pretendem aprender oficio, principalmente de sapateiro e alfaiate ou obter colocação em qualquer logar do Estado.

Nota-se em todos o desejo grande de abandonar a cultura da terra.

E' de esperar que nenhum mutilado que queira trabalhar comnosco, venha mais tarde a recorrer á mendicidade.

Esta é uma das conclusões que mais orgulham todos quantos nos temos interessado por eles.

A campanha em favôr dos mutilados, mercê da forma como foi feita conseguiu interessar as pessôas filantropas que concorreram com importantes quantias para a obra dos mutilados, sendo para notar que a maior parte dessas importancias, veiu da colonia portugueza residente no Brazil. O mutilado tornou-se a encarnação da vitima da Guerra, e foi exaltado, talvez um pouco em demasia, mas isso sucedeu tambem em todas as outras nações. Bourrillon em França e Galleazzi em Italia, afirmaram que os mutilados foram rodeados de uma aureola permanente de gloria, que os fez julgarem-se seres sobrehumanos, o que foi pernicioso por alguns se convencerem de tal e julgarem que o Estado, pelas pensões que lhes dariam, deveria proporcionar tudo que precisassem para viver. Ora é certo que a reforma nem mesmo com as pensões complementares que recebem proporcionaes á sua percentagem de incapacidade não chegam para fazer face á vida actual, mas ha que atender que o Estado fez quanto poude para melhorar ás suas invalidades, aproveitar as suas capacidades produtoras, facilitou-lhes os meios de algum trabalho produzir, e a reforma e pensões não são mais do que a forma de Assistencia, destinada não a suprir por completo a actividade laborativa do homem, mas a compensar o quanto perdeu da sua capacidade produtora.

Resultados Scientificos

A instalalação dos serviços das varias secções permitiram pelos trabalhos realisados chegar a conclusões interessantes, quer do campo psicologico, fisioterapico, cirurgico, medico e ortopedico.

Estes resultados serão oportuna e detalhadamente apresentados em trabalhos ulteriores.

Neste momento não quero porêm deixar passar o pretexto para lhes dar conta, do que se tem feito de uma maneira geral.

Na 1.ª Secção, tem se muito em especial julgado e apreciado a aptidão residual e principalmente as tendencias que o caracter formado pelo temperamento, cultura e habitos anteriores, determina ou contem.

No exame de capacidade profissional, da fadiga,

resistencia, etc., tem sido utilisado o metodo á Taylor, fazendo-se o exame directo e imediato do trabalho na oficina ou no campo.

O laboratorio com a aparelhagem Amar é um dos mais completos, que ha instalado nos paizes aliados, e isso mercê da interferencia do auctor dos aparelhos junto da casa construtora, por gentileza para com o Snr. Dr. Costa Ferreira, discipulo dileto e amigo daquele mestre.

Na 2.ª secção num ano, desde Maio de 1918 até hoje fizeram-se 43.813 tratamentos. E' interessante apontar os numeros que marcam as percentagens das lesões dos mutilados que aqui passaram durante o primeiro ano:

Quanto á localisação:
56 % no lado esquerdo.
41,2 % no lado direito.
1,9 % bilateraes
No membro superior 56 %.
Membro inferior 38,7 %.

Quanto á natureza das lesões, predominaram os amputados 26 %, e por ordem decrescente as fracturas 22,5 %, as feridas articulares 17 % e as lesões nervosas 16 %.

Quanto aos resultados a estatistica do Snr. Dr. Formigal Luzes referida ao periodo citado acima, acusa no mesmo estado 5,9 %; melhorados 26,4 % e curados 67,7 %.

Resultados Technicos

Na 3.ª secção temos registados no periodo acima referido 59.015 horas de trabalho, de aulas e oficinas.

Conforme já dissémos revelou-se a grande tendencia para as profissões de sapateiro e alfaiate, a negação para a frequencia da aula de Instrução Primaria, o desejo grande de abandonar os trabalhos agricolas e a tendencia para o emprego publico.

Resultados Cirurgicos e Proteticos

Os serviços de cirurgia para os mutilados funcionaram no Hospital de Campolide e Estrela, mal organisados, e em condições de não se poderem efe-

tuar determinadas intervenções que tiveram de ser feitas no Hospital Civil de S. José.

A cirurgia ortopedica tem exigencias que não se coadunam com as instalações e organisações existentes ainda agora nos Hospitaes Militares, pelo que foi mister recorrer áquele Hospital onde se fizeram intervenções que foram coroadas do melhor exíto.

Não foi possivel executar nenhuma operação plastica cinematica, pelo menos não tive de tal conhecimento, nem me passou pela mão doente algum para aparelhar sob taes principios, mas a cirurgia bastante avançou e a protese entre nós andou todo o caminho para percorrer o espaço que havia a percorrer desde a não existencia até ao grau que atingiu hoje.

Nas nossas oficinas de protese, criámos tipos de aparelhos nossos, com as suas caracteristicas; modificámos modelos estrangeiros e improvisámos aparelhos originaes, alguns dos quaes mereceram os aplausos e a aprovacão mais decidida de alguns dos nossos melhores cirurgiões.

Eis os frutos da nossa obra.

Deixêmo-los sazonar á custa de um pouco mais de experiencia e vamos utilisal-os lançando-os á terra, para germinar o aproveitamento dos nossos invalidos do trabalho, das vitimas dos desastres, dos nado-estropiados, dessa legião de invalidos que vivem uns em más condições, e outros na maior miseria quando mais não seja moral, utilisando-se da mendicidade, tornando-se emprezarios de si proprios que exploram os seus aleijões e deformidades.

Nesta altura foram passadas no ecran algumas fitas cinematograficas do Instituto de Arroios onde se viam as varias instalações, trabalhos de campo, oficinas, laboratorios, experiencias de aparelhos de protese, etc., etc.

(Estas fitas foram feitas pela Secção Cinematografica do Exercito)

2.ª PARTE

Acabo de ter a honra de vos apresentar o trabalho realisado. Representa ele o orgulho meu e dos meus colaboradores. Nos braços das nossas fardas não ostentamos os distintivos da permanencia em França, porque o serviço de que fomos encarregados, foi aqui. Mas nem só com armas, se defende a Patria. Aqui, como na Flandres ou em Africa, pode cada um cumprir o seu dever e bem merecer da Patria e da Republica. Fizemos quanto pudemos e soubemos por a enobrecer. Se em nossos peitos não trazemos sinal que nos ligue a essa grande guerra, todavia fomos dos primeiros a integrarmo-nos nela e emquanto já se antevê o clarão da Paz, ainda nós estamos e estaremos caboucando na arena da lucta reunindo os pedaços humanos, concertando e valorisando o que fôr aproveitavel. Pelas nossas mãos passam os residuos da guerra. De entre a acção da guerra a nossa obra distingue-se por ser de reconstrução.

Incontestavelmente esta obra é nova, entre nós, e não é por isso ainda compreendido verdadeiramente o seu alcance. Vamos vêr como se deverá aproveitar o que ha feito.

Hoje que para o equilibrio economico da nações é mister aproveitar todas as actividades, não podemos deixar de olhar com certo interesse o problema que me traz aqui, e d'ahi a oportunidade que se me afigurou de o tratar, ainda que me falte a verdadeira competencia que procuro suprir pelo desejo de fazer alguma cousa, no sentido de concorrer para o bem do nosso Paiz.

Quizera poder trazer deante de V. Ex.as elementos estatisticos sobre que assentassem os calculos que pretenderia apresentar-vos, mas entre nós, estatisticas são poucas e em geral andam muito atrazadas.

Desejaria apresentar-vos a estatística dos mutilados e estropeados que temos no nosso paiz e a quem poderiamos beneficiar reeducando.

Os mutilados e estropeados que temos, são as vitimas de desastres de trabalho ou não, e os doentes raquiticos, aleijados, etc.

Começaremos por considerar estes ultimos.

Todos sabemos o numero grande que existe de creanças estropeadas ou mutiladas, as quaes durante a sua primeira e segunda infancia merecem o dó, a piedade e a comiseração dos paes. Resistem, crescem, chegam á idade adulta e o que lhes sucede? Bem poucos podem contar com os seus recursos para viverem. E os outros? Que miseria, que dramas envolveriam as respostas a esta pergunta. Acabado o periodo escolar, se ha a pretensão de trabalhar, entrar numa oficina, aprender uma arte, etc., que de obstaculos e dificuldades, pois as oficinas, os escritorios, etc., são para rendimento das emprezas que os exploram e não se prestam ao prejuizo que lhes causa o tirocinio profissional daqueles infelizes.

Que lhes sucede então? É o periodo das grandes alterações psícologicas, e conhecida a mutua acção do desenvolvimento fisico e psiquico, não é de extranhar que a degeneração organica vá produzir no infeliz um caracter em que os sentimentos impulsivos, o desgosto, o rancôr, a inveja, se misturam com a brutalidade, a ociosidade, determinando um estado morbido que facilmente o conduz á mendicidade, ao vicio e ao crime.

É conhecida a percentagem elevada de aleijados delinquentes.

Pois sendo assim, e tendo a guerra mostrado que é possivel fazer qualquer aproveitamento desses desgraçados, porque não deveremos lançar-nos nessa obra social de regeneração e aproveitamento desses residuos humanos que se perdem?

Já antes mesmo de existirem escolas de reeducação para os acidentes de trabalho, existiam Institutos destinados aos aleijados e estropeados, geralmente raquiticos deformados.

Foi em Monaco da Baviera que se creou o primeiro estabelecimento para este fim, em 1844 e 13 anos depois outro se instalou em Wurtemberg tendo-se multiplicado rapidamente na Alemanha, sendo notaveis o de Nowawes em Potsdam, o de Niederlössnitz em Dresde e o de Cracau em Magdburg.

A seguir á Alemanha, a Dinamarca creou o famoso Instituto de Copenhague; a Suecia e Noruega instalaram Institutos semelhantes em Stokolmo, Gotemberg, Cristiania, Helsingborg e na Finlandia em Helsingfor.

A Inglaterra creou 3 Institutos congéneres, Cripples Home and Industrial School for Girls, Darmonth's Home e Cripples Nursery.

Na America fundou-se em Boston em 1897, o Instituto Profissional dos Aleijados e em Filadelfia o Widener Memorial Industrial Training School for Cripples Children.

De nações latinas só a Italia creou o seu Instituto Rachitici em Milão e o Refugio Donna Fanny Finzi Ottolenghi em Gorla Primo.

A França, Hespanha e Portugal não se teem ocupado do assunto, a não ser dos cegos e dos surdos-mudos.

A titulo de curiosidade vou apresentar os resultados obtidos no Instituto de Copenhague. Em 30 anos de existencia recebeu 8:454 aleijados, desses, 3:900 conseguiram pôr-se em condições de trabalhar, ganhando os meios da sua existencia.

No Instituto da Baviéra, de 1:056 mutilados e estropeados que por lá passaram, 103 ou seja 10 % morreram e 2 % não mais se soube deles. Dos restantes 932, adquiriram a sua independencia economica 93 %, ganhando o suficiente para a sua existencia e 7 % recolheram a asilos porque as suas enfermidades se agravaram.

Estes exemplos são bem frisantes do que se póde conseguir em pró da Humanidade, pois os encargos que tal obra podem representar, constituem por outro lado alivio da sociedade que tem de manter esses desgraçados, que no balanço economico e social figuram sempre afectos do sinal negativo.

O problema dos acidentes do trabalho é hoje ma-

teria bem desenvolvida em todas as nações e em Portugal começa a pôr-se em pratica tambem o seguro social obrigatorio.

Em todas as nações que se dizem civilisadas a reeducação dos acidentados do trabalho é uma questão corrente.

Entre nós, ainda bem poucas pessôas teem ouvido falar de tal, ou tratado de tal assunto e todavia que de vantagens para o acidentado, para as Companhias de Seguros, e para o Estado advem da reeducação do operario que sofreu um desastre que lhe produziu uma determinada invalidade funcional, a que corresponde um determinado encargo monetario, a seu favôr.

A sua incapacidade funcional pode ser diminuida já pelo tratamento conveniente, já pela aparelhagem que lhe permite a readaptação ao trabalho, já pela reeducação inclusivé de outra profissão consentanea com a sua lesão, e deste modo aquele encargo diminue, podendo até desaparecer.

Vê-se pois como a reeducação, hoje, é um facto valiosissimo para o aproveitamento dessa legião, considerada ainda ha pouco de invalidos.

Pois bem.—Em Portugal nada havia a tal respeito. Em Portugal hoje, ha o necessario para proceder em harmonia com o que a sciencia determina a respeito destes casos, tendo sempre em consideração qne de entre todas as formas de assistencia que se pode prestar ao invalido, é pelo trabalho que se poderão obter os melhores resultados.

A Assistencia pelo trabalho é hoje a formula adoptada. Portugal precisa integrar-se nessa orientação e é preciso fazer bem saber isso aos poderes dirigentes e a todos aqueles a quem estes assuntos interessa.

Pensões, subsidios, hoje por si nada chega. É necessario o trabalho e aqueles que pelas suas condições fisicas não possam só pelo trabalho fazer face aos seus encargos, esses terão então, a quantia, dinheiro, que representará não a esmola, repito, mas a compensação da sua incapacidade laborativa, scientificamente avaliada.

Postas assim as cousas limitar-me-hei a apresentar as conclusões referentes ao Instituto que entre nós foi fundado e ao destino a dar-lhe:

1.°—É de lastimar que entre nós ainda não ti-

vesse sido devidamente compreendida com maior generalisação, a obra de Reeducação dos Mutilados.

2.º—Que essa obra se conseguiu realisar, atingindo um desenvolvimento e uma perfeição igual, senão superior á das obras das outras nações.

3.º—Que deverá logo que possa, estender os seus serviços aos acidentados do trabalho.

4.º—Que para tal fim o Instituto, seja subsidiado pelos Ministérios qne o poderão utilisar, tais como o do Trabalho, o da Guerra, da Marinha, das Colonias e da Agricultura por em todos esses Ministérios, nos Arsenaes, estabelecimentos fabris, e em serviço, se produzirem acidentes ou desastres, até mesmo em Campanha, que em Africa as teremos sempre, e que poderão por isso recorrer ao tratamento adequado e á reeducação dos estropeados ou mutilados.

5.º—Que logo que possa, seja aproveitado para exame e tratamento dos indigentes aleijados, estropeados e amputados, que se encontram asilados e espalhados por todo o paiz.

Deste modo reduziriamos o numero desses desgraçados que vivem da mendicidade, muitos arrastando uma existencia miseravel, arrastando na verdadeira acepção da palavra, pelas ruas e pelas estradas os seus corpos aleijados, numa degradação impropria da dignidade humana quer de o fazer, quer da sociedade em o consentir.

6.º—Que para esse fim se organise uma estatistica dos estropeados e mutilados de todo o Paiz, por intermedio das autoridades locaes.

7.º—Que se constituam comissões provinciaes ou districtaes, encarregadas de fornecer todos os informes pedidos, auxiliar a obra de revalidação desses aleijados, obter donativos para auxiliar essa obra, e prestar todo o apoio moral, vigiando e acompanhando de perto a vida dos reeducados.

8.º—Que essas comissões fossem constituidas por elementos oficiaes, os Governadores Civis ou Jnntas Distritaes, delegados de Assistencia Publica, professores primários e pessôas particulares de influencia local e de reconhecidas qualidades moraes e filantropicas.

9.º—Que quando possivel se creasse no Norte, outro Instituto semelhante ao de Arroios.

10.º — Que a caracteristica destas Escolas de Reeducação para os invalidos, é, ou melhor, deve sêr, atingir o triplo fim do tratamento ortopedico, a instrução geral e a reeducação profissional, tendo como elementos preparatorios, possivelmente a reeducação moral, o tratamento cirurgico e a reeducação motora e fisica.

Por isso as escolas de Reeducação deverão ter:

a) Um serviço de orientação profissional, com laboratorios de psicologia experimental e de fisiologia professional.

b) Escolas de Instrução Geral e de tecnologia professional, o que é indispensavel para que o artifice seja probo e conhecedor do que faz e do material com que trabalha e dos meios de o trabalhar.

c) Um serviço de cirurgia especial, cirurgia ortopedica, reparadora.

d) Um serviço de fisioterapia, compreendendo a instalação de todos os agentes fisicos.

e) As oficinas em numero quanto maior, melhor, que permitirão estimular o invalido ao trabalho e á especialisação em cada mister nos serviços compativeis com a invalidade.

f) Finalmente oficinas de protese e ortopedia destinadas a construir os aparelhos adequados a cada caso, e onde além do serviço corrente de aparelhagem, se deverão constantemente fazer tentativas e pesquizas no sentido de melhorar e aperfeiçoar o existente para alcançar quanto possivel a perfeição da mecanica dos orgãos perdidos ou comprometidos, sendo pois um verdadeiro laboratorio de experiencias.

11.º — Que sejam utilisados os laboratorios do Instituto para observação e exame dos aviadores, chauffeurs e maquinistas.

Ainda hoje para os chauffeurs civis se exige atestado de que tem aptidão fisica para o logar, e que o medico se responsabilise pela presença de espirito do chauffeur, quando em presença do perigo! Conflitos graves tem havido entre as autoridades sanitarias encarregadas de tal exame, que é feito sem elementos alguns, e as Camaras que passam as cartas de chauffeur.

Quanto aos aviadores, não deveria ser consentido a ninguem pilotar qualquer aparelho, sem que as suas

faculdades fisicas e psiquicas fossem apreciadas. Nos nossos laboratorios é possivel fazer-se a avaliação do gráu de atenção, energia, fadiga, poder d'observação, poder inhibitorio, moto-coordenador, etc., condições estas de que depende essencialmente o bom desempenho daqueles a quem é confiada a vida alheia. Em tal creio que ainda ninguem pensou entre nós, tendo ainda só ante-hontem visto que este assunto ou outro semelhante serviu de tese a um aluno que concluiu o curso na Faculdade de Medicina.

Aqui tendes Senhores, rapidamente expostas uma aluvião de ideias, que em turbilhão me vem ocorrendo, como se estivessem mal contidas.

Perdoae a fórma como as expuz; é consequencia talvez da lucta porfiada que tenho mantido para conseguir o que consegui fazer em terras de Portugal.

Que as minhas palavras tenham tocado o coração e a inteligencia de todos vós!

Que as minhas ideias possam sugerir outras, concebîdas por cerebros melhor organisados e com melhores elementos para mais produzir.

Que elas tenham irritado os neurones de alguns dos ouvintes.

Que dessa irritação resulte qualquer reacção, de bom, ou até de mau, mas que agite a questão, o assunto, que é de atualidade.

Somos tão pobres, tão fracos, que precisamos utilisar todos os nossos recursos para trabalhar, e não será para desprezar a soma do valôr que pudermos obter.

Pensae no que acabaes de ouvir e vêr, dirijamos o nosso apêlo ás mães que teem filhos e que ficaram ilesos dos perigos da guerra, dirijamos o nosso apêlo a todos que teem coração, para que façam quanto possam por aqueles que ficaram mutilados e invalidos.

Lembremo-nos desses outros infelizes, que vivem exhibindo os seus aleijões e os quaes num dever de Humanidade, fraternidade e solidariedade é preciso rehabilitar.

Levantemos bem alto o nosso coração e tenhamos Fé e tenhamos Esperança.

A vaga agora está agitada por toda a parte, e toca-nos tambem.

Mas Portugal foi grande, foi feliz, e os bons dias de Paz e felicidade hão-de voltar.

Olhemos a Historia, um pouco de longe, houve convulsões, umas maiores, outras menores.

A Guerra atual foi sem duvida a maior de todas, aquela que maiores perturbações trouxe.

Façamos pois cada um o que mais poder para concorrer para o bem da Humanidade, fazendo-a auferir o justo premio da vitoria.

Eis porque aqui estou julgando cumprir um dever ditado pela consciencia, pela razão, pelo coração.

A Patria será radiosa, façamos todos por a enobrecer.

Honremos a Patria que a Patria nos contempla.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1919.